



ABILIO GODOY

Conde de Dodoy e sua história sem moral

Ilustrações de BERNARDO FRANÇA

PROJETO DE LEITURA

Coordenação: Maria José Nóbrega

Elaboração: Tom Nóbrega

● Leitor fluente (4º a 7º anos do Ensino Fundamental)

 **MODERNA**

De Leitores e Asas

MARIA JOSÉ NÓBREGA

*“Andorinha no coqueiro,
Sabiá na beira-mar,
Andorinha vai e volta,
Meu amor não quer voltar.”*



Numa primeira dimensão, ler pode ser entendido como decifrar o escrito, isto é, compreender o que letras e outros sinais gráficos representam. Sem dúvida, boa parte das atividades que são realizadas com as crianças nas séries iniciais do Ensino Fundamental tem como finalidade desenvolver essa capacidade.

Ingenuamente, muitos pensam que, uma vez que a criança tenha fluência para decifrar os sinais da escrita, pode ler sozinha, pois os sentidos estariam lá, no texto, bastando colhê-los.

Por essa concepção, qualquer um que soubesse ler e conhecesse o que as palavras significam estaria apto a dizer em que lugar estão a andorinha e o sabiá; qual dos dois pássaros vai e volta e quem não quer voltar. Mas será que a resposta a estas questões bastaria para assegurar que a trova foi compreendida? Certamente não. A compreensão vai depender, também, e muito, do que o leitor já souber sobre pássaros e amores.

Isso porque muitos dos sentidos que depreendemos ao ler derivam de complexas operações cognitivas para produzir inferências. Lemos o que está nos intervalos entre as palavras, nas entrelinhas, lemos, portanto, o que não está escrito. É como se o texto apresentasse lacunas que deveriam ser preenchidas pelo trabalho do leitor.

Se retornarmos à trova acima, descobriremos um “eu” que associa pássaros à pessoa amada. Ele sabe o lugar em que está a andorinha e o sabiá; observa que as andorinhas migram, “vão e voltam”, mas diferentemente destas, seu amor foi e não voltou.

Apesar de não estar explícita, percebemos a comparação entre a andorinha e a pessoa amada: ambas partiram em um dado momento. Apesar de também não estar explícita, percebemos a oposição entre elas: a andorinha retorna, mas a pessoa amada “não quer voltar”. Se todos estes elementos que podem ser deduzidos pelo trabalho do leitor estivessem explícitos, o texto ficaria mais ou menos assim:

*Sei que a andorinha está no coqueiro,
e que o sabiá está na beira-mar.
Observo que a andorinha vai e volta,
mas não sei onde está meu amor que partiu e
não quer voltar.*

O assunto da trova é o relacionamento amoroso, a dor de cotovelo pelo abandono e, dependendo da experiência prévia que tivermos a respeito do assunto, quer seja esta vivida pessoalmente ou “vivida” através da ficção, diferentes emoções podem ser ativadas: alívio por estarmos próximos de quem amamos, cumplicidade por estarmos distantes de quem amamos, decepção por não acreditarmos mais no amor, esperança de encontrar alguém diferente...

Quem produz ou lê um texto o faz a partir de um certo lugar, como diz Leonardo Boff*, a partir de onde estão seus pés e do que veem seus olhos. Os horizontes de quem escreve e os de quem lê podem estar mais ou menos próximos. Os horizontes de um leitor e de outro podem estar mais ou menos próximos. As leituras produzem interpretações que produzem avaliações que revelam posições: pode-se ou não concordar com o quadro de valores sustentados ou sugeridos pelo texto.

Se refletirmos a respeito do último verso “*meu amor não quer voltar*”, podemos indagar, legitimamente, sem nenhuma esperança de encontrar a resposta no texto: por que ele ou ela não “quer” voltar? Repare que não é “*não pode*” que está escrito, é “*não quer*”, isto quer dizer que poderia, mas não quer voltar. O que teria provocado a separação? O amor acabou. Apaixonou-se por outra ou outro? Outros projetos de vida foram mais fortes que o amor: os estudos, a carreira, etc. O “eu” é muito possessivo e gosta de controlar os passos dele ou dela, como controla os da andorinha e do sabiá?

Quem é esse que se diz “eu”? Se imaginarmos um “eu” masculino, por exemplo, poderíamos, num tom machista, sustentar que mulher tem de ser mesmo conduzida com rédea curta, porque senão voa; num tom mais feminista, poderíamos dizer que a mulher fez muito bem em abandonar alguém tão controlador. Está instalada a polêmica das muitas vozes que circulam nas práticas sociais...

Se levamos alguns anos para aprender a decifrar o escrito com autonomia, ler na dimensão que descrevemos é uma aprendizagem que não se esgota nunca, pois para alguns textos seremos sempre leitores iniciantes.



DESCRIÇÃO DO PROJETO DE LEITURA

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Contextualiza-se o autor e sua obra no panorama da literatura para crianças.

RESENHA

Apresentamos uma síntese da obra para permitir que o professor, antecipando a temática, o enredo e seu desenvolvimento, possa considerar a pertinência da obra levando em conta as necessidades e possibilidades de seus alunos.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Procuramos evidenciar outros aspectos que vão além da trama narrativa: os temas e a perspectiva com que são abordados, certos recursos expressivos usados pelo autor. A partir deles, o professor poderá identificar que conteúdos das diferentes áreas do conhecimento poderão ser explorados, que temas poderão ser discutidos, que recursos linguísticos poderão ser explorados para ampliar a competência leitora e escritora do aluno.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

a) antes da leitura

Ao ler, mobilizamos nossas experiências para compreendermos o texto e apreciarmos os recursos estilísticos utilizados pelo autor. Folheando o livro, numa rápida leitura preliminar, podemos antecipar muito a respeito do desenvolvimento da história.

As atividades propostas favorecem a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão do texto.

- ✓ Explicitação dos conhecimentos prévios necessários para que os alunos compreendam o texto.
- ✓ Antecipação de conteúdos do texto a partir da observação de indicadores como título (orientar a leitura de títulos e subtítulos), ilustração (folhear o livro para identificar a localização, os personagens, o conflito).
- ✓ Explicitação dos conteúdos que esperam encontrar na obra levando em conta os aspectos observados (estimular os alunos a compartilharem o que forem observando).

b) durante a leitura

São apresentados alguns objetivos orientadores para a leitura, focalizando aspectos que auxiliem a construção dos significados do texto pelo leitor.

- ✓ Leitura global do texto.
- ✓ Caracterização da estrutura do texto.
- ✓ Identificação das articulações temporais e lógicas responsáveis pela coesão textual.

c) depois da leitura

Propõem-se uma série de atividades para permitir uma melhor compreensão da obra, aprofundar o estudo e a reflexão a respeito de conteúdos das diversas áreas curriculares, bem como debater temas que permitam a inserção do aluno nas questões contemporâneas.

- ✓ Compreensão global do texto a partir da reprodução oral ou escrita do texto lido ou de respostas a questões formuladas pelo professor em situação de leitura compartilhada.
- ✓ Apreciação dos recursos expressivos mobilizados na obra.
- ✓ Identificação dos pontos de vista sustentados pelo autor.
- ✓ Explicitação das opiniões pessoais frente a questões polêmicas.
- ✓ Ampliação do trabalho para a pesquisa de informações complementares numa dimensão interdisciplinar ou para a produção de outros textos ou, ainda, para produções criativas que contemplem outras linguagens artísticas.

LEIA MAIS...

- ✓ do mesmo autor
- ✓ sobre o mesmo assunto
- ✓ sobre o mesmo gênero



CONDE DE DODOY E SUA HISTÓRIA SEM MORAL

ABILIO GODOY



© Bernardo França

UM POUCO SOBRE O AUTOR

 **Abilio Godoy** é apaixonado por livros desde criança, quando morava em uma fazenda no interior de São Paulo. Na adolescência começou a escrever seus primeiros poemas e contos nos cadernos da escola. Posteriormente, ingressou na faculdade de Letras na USP, onde também obteve o título de mestre em Teoria Literária. Abilio já tem duas coletâneas de contos, mas *Conde de Dodoy e sua história sem moral* é seu primeiro livro para o público infantojuvenil.

RESENHA

O Conde de Dodoy é um homem bem mais-ou-menos: nem bonito nem feio, nem rico nem pobre, nem gordo nem magro, nem bondoso nem malvado. Solitário, costuma passar a maior parte do

seu tempo sozinho em sua torre no centro da cidade, rodeado pelos livros de sua biblioteca. Tem, porém, um dom secreto: seu choro é desimpedido como poucos.

Certo dia, contudo, o Conde acorda com uma dor inédita: uma dor cinzenta, insistente, bem no meio da sua história; uma mágoa dolorida que nenhum choro parece capaz de afogar. A partir de então, Dodoy passa a empregar os mais diversos métodos em busca de uma solução para sua história dolorida: visita a clínica hipertecnológica do Doutor Ford, médico que o atendia quando criança; vai em busca dos conselhos do Guru Paladivo, que lhe diz que o mal e a dor não existem; e, por fim, marca uma sessão com a famosa psicóloga Leila Kanianna d'Odvan.

Apesar de cada um desses profissionais cobrarem caríssimo para oferecer suas perspectivas diante da dor, nenhum deles consegue oferecer ao Conde uma resposta minimamente satisfatória – é apenas

numa conversa com seu primo, o Marquês de Né-Nada, que o Conde de Dodoy descobrirá um alívio possível para sua história.

Em seu primeiro livro destinado ao público infantil, mas que, certamente, pode agradar também o público adulto, Abilio Godoy transforma melancolia em humor ao criar um *alter ego* que procura descobrir como lidar com sentimentos difíceis. Trata-se de um protagonista que nada tem de heroico. O autor joga, de maneira sutil e sofisticada, com elementos metalinguísticos: o Conde de Dodoy prefere passar seu tempo entre os livros da biblioteca ao invés de encarar o mundo que o rodeia; a *dor inédita* que sente, que serve de mote para o enredo, é uma dor *no meio da sua história* e, ao final, ele e seu primo marquês exploram possibilidades distintas de terminar esta narrativa. O autor joga com elementos de repetição e variação, ao estruturar de forma semelhante as situações vivenciadas pelo personagem ao encontrar o médico, o guru e a psicanalista, ao mesmo tempo em que explora, à sua maneira, alguns elementos clássicos do humor: o Marquês Né-Nada sente um prazer evidente ao descrever a própria flatulência. As ilustrações de Bernardo França complementam perfeitamente o texto, ao remeter o leitor ao traço de Charles Schulz, criador do melancólico (porém carismático) Charlie Brown.



QUADRO-SÍNTESE

Gênero: Novela

Palavras-chave: Dor, solidão, moral, literatura

Componente curricular envolvido: Língua Portuguesa

Competências Gerais da BNCC: 8. Autoconhecimento e autocuidado; 9. Empatia e cooperação

Temas transversais contemporâneos: Vida familiar e social, Saúde

Objetivo de Desenvolvimento Sustentável: ODS-3. Saúde e bem-estar

Público-alvo: Leitor fluente (4º e 5º anos do Ensino Fundamental); (6º e 7º anos do Ensino Fundamental)



PROPOSTA DE ATIVIDADES

Antes da leitura

1. Mostre aos alunos a capa do livro. De que maneira o título se relaciona com a imagem da capa? Será que os alunos se dão conta de que o nome Dodoy soa como a expressão “dodói”? Veja se notam como a expressão infeliz do personagem retratado na imagem dialoga com as linhas curvas que rodeiam o título, que parecem sugerir angústia ou preocupação.
2. Veja se os alunos percebem a semelhança sonora entre o sobrenome do autor, Abilio Godoy e o nome do conde do título.

3. Chame a atenção da turma para o subtítulo da obra: “e sua história sem moral”. O que os alunos entendem por “moral”? Que tipo de história costuma ter uma “moral”? Proponha que consultem a palavra no dicionário.
4. Leia com a turma o divertido e enigmático texto da quarta capa, que apresenta alguns elementos do conteúdo da narrativa. Estimule os alunos a fazer suas conjecturas a partir de algumas passagens do texto: de que maneira o choro pode se transformar em um superpoder? O que pode significar sentir dor na própria história?
5. Mostre aos alunos as ilustrações das páginas 1 à 5 do livro. Veja se notam que, em todas elas, ao menos um livro aparece na imagem.
6. Leia com seus alunos as seções *Sobre o autor* e *Sobre o ilustrador*, nas páginas 54 e 55, para que saibam um pouco mais a respeito dos criadores da obra. Chame a atenção para o modo como Abilio Godoy, de forma bem-humorada, apresenta sua relação com a literatura como se fosse a relação com uma namorada, a Lili. Veja se notam que a foto do autor é uma foto dele quando criança, vestindo uma fantasia e com um dodói no joelho. Proponha aos alunos que escolham uma foto e escrevam uma pequena autobiografia, inspirada na de Abilio Godoy e Bernardo França.

Durante a leitura

1. Peça aos alunos para prestarem atenção nos divertidos nomes dos personagens, que quase sempre oferecem algum indicativo sobre a atitude, o modo de vida ou alguma característica marcante de cada um deles.
2. Verifique se os alunos percebem a variedade extensa de palavras e expressões que o autor usa para se referir ao choro, em diversos momentos do texto, tais como: “lágrimas gordas e abundantes”, “superpranto”, “fungadas e soluços” etc.
3. Será que seus alunos notam quais ilustrações retratam o Conde de Dodoy mais novo, durante a sua infância? Veja se percebem como, nas ilustrações em que o personagem é retratado quando criança, nas páginas 9 e 11, ele aparece vestindo um casaco vermelho.
4. Veja se os alunos reconhecem o jogo de repetição proposto pelo autor: nas três situações em que o Conde de Dodoy procura alguém para lhe ajudar a cuidar da sua dor, o texto se estrutura de maneira semelhante: a) o Conde pula de susto ao saber o valor da consulta de cada um deles, porém decide comparecer mesmo assim, prometendo ficar um determinado período sem comprar livros (três meses, seis meses ou um ano); b) uma secretária, ou a própria personagem, em algum momento pergunta: “Crédito ou

- débito?"; c) o personagem sai desanimado do local, sem sentir que seu problema foi resolvido.
5. Incentive os alunos a prestarem atenção no tom absurdo do diálogo do personagem com Leila Kanianna: ela apenas repete tudo aquilo que o Conde de Dodoy diz.
 6. Veja se os alunos percebem como livros aparecem como elementos recorrentes em diversas ilustrações, ressaltando a paixão do protagonista pela leitura.
 7. As ilustrações de Bernardo França são sofisticadas e ricas em detalhes: estimule os alunos a se atentarem para os diversos elementos que compõem as imagens e a relação que estabelecem com o texto.

Depois da leitura

1. Ao final do livro, juntos, o Conde de Dodoy e o Marquês de NéNada chegam à conclusão de que talvez a melhor maneira de curar uma dor no meio da própria história é deixar que essa história termine e começar uma história nova. Nas palavras do Marquês: "Quantos personagens a gente não conhece de um montão de histórias diferentes? É só terminar a história velha, e começar a história nova". Depois do final desta história, como poderia ter sido a nova história protagonizada pelo Conde? Desafie os alunos a, sozinhos ou em duplas, imaginar essa nova história e escrevê-la.
2. Ao final do livro, o Marquês tenta, de modo um tanto desajeitado, sugerir ao Conde uma moral para sua história – até que Dodoy, finalmente, compreende que sua história, que nunca teve moral, não precisa de uma. A fábula é o gênero narrativo que apresenta a "moral da história" como elemento característico. Traga para ler com a turma algumas das fábulas de Esopo, conjunto de textos escrito na Grécia Antiga atribuído a um autor sobre cuja vida pouco se sabe. Sugerimos a edição publicada pela Moderna com tradução do grego de Neide Smolka.
3. Releia com os alunos a seguinte passagem do início do livro, em que o narrador apresenta o Conde de Dodoy: "E, às vezes, passava o dia olhando pela janela, tentando entender a bagunça que era o mundo. Mas, como nunca entendia, quase não saía da biblioteca. Preferia ficar ali, com sua imaginação e suas estantes, a encarar a confusão da cidade lá fora". Em seguida, escute com a turma a canção "Carolina", de Chico Buarque, cujos versos retratam uma personagem igualmente tristonha, que também prefere se manter à parte do mundo, disponível em: <https://mod.lk/vMFSw> (acesso em: nov. 2023).
4. A história da literatura possui outros personagens melancólicos como o Conde de Dodoy. Assista ao ótimo curta de animação sem palavras de Sun Jae Lee, livremente inspirado no conto popular russo coletado por Alexander Afanasyev, *A princesa que nunca sorria*, disponível em: <https://mod.lk/WipA2>. Em seguida, mostre a eles a pintura realizada por Viktor Vasnetsov nas primeiras décadas do século XX, inspirada no mesmo conto, disponível em: <https://mod.lk/XjgaS> (acessos em: nov. 2023). Estimule as crianças a prestarem atenção nos detalhes da imagem: que estratégias foram empregadas para tentar alegrar a entediada princesa? O que, na maneira como ela aparece retratada na imagem, indica que esteja alheia a tudo o que a rodeia?
5. Não por acaso, a maneira como Bernardo França escolhe retratar o Conde de Dodoy remete a um dos mais interessantes personagens infantis do universo dos quadrinhos, o melancólico Charlie Brown. Seu criador, Charles Schultz, foi sensível aos conflitos e dramas experimentados pelas crianças na infância como poucos. Selecione algumas tirinhas de um dos diversos volumes de *Peanuts completo*, publicado pela editora L&PM. Em seguida, pode ser interessante assistir com a turma ao longa metragem *Peanuts: o filme*, dirigido por Steven Martino e cujo roteiro foi elaborado pelo filho e neto de Charles Schulz, a partir de suas tirinhas. Veja o trailer: <https://mod.lk/Ko1hx> (acesso em: nov. 2023).
6. É bem possível que os alunos, vez ou outra, experimentem sentimentos de tristeza: como diz o Conde de Dodoy, na vida real não vivemos felizes para sempre. Quando a tristeza se torna um sentimento recorrente, por outro lado, pode ser bom conversar a respeito e procurar ajuda. Leia com a turma a seguinte crônica de Rosely Sayão, publicada no caderno Folhinha, suplemento infantil do jornal *Folha de S. Paulo* dirigido ao público infantil, disponível em: <https://mod.lk/iFniA> (acesso em: nov. 2023).
7. O universo de *A família Addams*, criada pelo talentoso cartunista Charles Addams é, como o universo do livro de Abilio Godoy, ao mesmo tempo afetivo e melancólico. Escolha alguns de seus intrigantes cartuns para mostrar para a turma, ajudando-os a decifrar as legendas em inglês (de qualquer modo, as imagens dizem muito mais que as palavras), disponível em: <https://mod.lk/jfuvf> (acesso em: nov. 2023).
8. Proponha aos alunos que se lembrem de um dos dias mais estranhos e/ou frustrantes que já viveram e o transformem em uma pequena tira em quadrinhos – esclareça que podem se descolar da realidade o quanto desejarem. Eles podem optar tanto por fazer uma tira autobiográfica quanto por criar personagens e situações fictícias que, de alguma forma, traduzam a estranheza que experienciaram.



LEIA MAIS...

DO MESMO AUTOR

- *Plano de fuga*. São Paulo: Prumo.
- *Hiato*. Rio de Janeiro: 7 Letras.

DO MESMO GÊNERO OU ASSUNTO

- *A parte que falta*, de Shel Silverstein. São Paulo: Companhia das Letrinhas.
- *Harvey: como me tornei invisível*, de Hervé Bouchard e Janice Nadeau. São Paulo: Pulo do Gato.
- *Corda bamba*, de Lygia Bojunga. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga.
- *A solidão do Bicho-Papão*, de Sônia Barros. São Paulo: Moderna.



LEITURA EM FAMÍLIA

A leitura, quando não é estimulada no ambiente familiar, acaba sendo percebida pelas crianças como uma prática essencialmente escolar. No entanto, estudos revelam que, se pais, avós, tios, padrinhos leem em voz alta com os pequenos e conversam a respeito do conteúdo lido, essas vivências ajudam as crianças a gostar de livros, aguçam a criatividade e diversificam sua experiência de mundo.

É por acreditar que a leitura deve ser vivenciada regularmente não apenas na escola que a Moderna desenvolve o programa "Leitura em família", para proporcionar uma interação cada vez maior com os filhos e se integrar mais com a escola na missão de educar.

No final do livro, é possível encontrar o *link* com sugestões para aproveitar o máximo desta obra em família.

Reforce essa ideia com a família de seus alunos!